

AMIGAS E O SOBRENATURAL

Três amigas aposentadas viverão grandes aventuras macabras: Jurema é enfermeira e sensível, não admite seu dom. Renata é Professora de história e ama falar sobre assuntos sobrenaturais. Cleice é cética e não acredita em nada. Estas três senhoras se depararão com incompreensíveis momentos macabros. Estes encontros surtirão nestas senhoras fortes emoções, que se arrependerão de ter desejado tais aventuras.

Maria Oliveira

AMIGAS E O SOBRENATURAL

Maria Oliveira

Maria Oliveira

**AMIGAS E O
SOBRENATURAL**

1ª EDIÇÃO

2022

Copyright© 2021 Maria das Chagas de Oliveira
Revisão: Marquilha Resplendes Carneiro Borges
Revisão final: Leo Gargi
Diagramação: João A. de Oliveira
Capa: Maria das Chagas de Oliveira

**Dados Internacionais de catalogação na publicação
(CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Oliveira, Maria das Chagas de

**Amigas e o Sobrenatural [físico]/Maria das Chagas de
Oliveira – São Paulo: Ed. da Autora, 2021. PDF**

ISBN 978-65-00-35847-6

1 . Ficção de suspense I. Título.

21 – 92683

CDD-B869

Índice para catalogação sistemático:

1. Ficção de suspense: Literatura Brasileira B869
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária – CRB-1/3129

PROIBIDA A REPRODUÇÃO: Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravação, assim como traduzida, sem a permissão por escrito do autor. Os infratores serão punidos pela Lei n° 9.610/98.

Sumário

Avenida Brasil	7
O Convite	<u>19</u>
Depressão	<u>32</u>
Hospital	<u>43</u>
Mooca	<u>54</u>
Necrófilo	<u>66</u>
Senhora Centenária	<u>80</u>
O Segredo de Jurema	<u>94</u>

Maria Oliveira

DEDICATÓRIA

Dedico este livro ao meu professor, João A. de Oliveira.

Capítulo 1

Avenida Brasil

Renata, nascida no nordeste do Brasil, mais precisamente no estado do Maranhão. Desde muito novinha, seu maior sonho era morar em São Paulo, sabia que na capital paulista as pessoas tinham grandes oportunidades, ela não era diferente dos sonhadores que já tinham partido em busca de melhores condições de vida. Então, em um belo dia, contou sobre o seu grande sonho para sua vizinha, Juliana, que prontamente informou que sua irmã, Gleice, já morava em São Paulo há doze anos e poderia ajudá-la.

— Se você quiser eu falo com a minha irmã a seu respeito.

Renata ficou muito surpresa quando ela se ofereceu para ajudar a realizar o seu grande sonho e, prontamente, aceitou.

Tudo foi muito rápido. No dia seguinte, Juliana a chamou no quintal, não tinham linha telefônica, e disse:

— Falei com minha irmã, ela perguntou se você tem o dinheiro para comprar a passagem.

Renata afirmou com um aceno de cabeça.

— Sim, há muito tempo faço algumas economias para comprar a passagem – completou.

— Então, compre a passagem!

Renata era muito jovem, com muita vontade de trabalhar para vencer na vida e ser alguém importante. Porém, com pouca instrução, sem nenhum currículo apresentável.

Ao chegar a São Paulo, mais precisamente ao Terminal Rodoviário do Tietê, foi abordada por uma pessoa igualmente jovem, que se apresentou:

— Olá, eu sou a Gleice, bem-vinda à cidade que nunca dorme.

Renata ficou um pouco preocupada, ela era muito ingênua.

— Não vamos dormir hoje? – perguntou espantada.

— Sim, vamos dormir sim, mas pouco. Aqui as pessoas se levantam de madrugada. São Paulo é a cidade do trabalho e do progresso – respondeu Gleice, sorrindo bastante.

Pegaram as malas e subiram as escadas para embarcarem no Metrô, sentido Jabaquara, zona sul de São Paulo. Naquela época o Terminal Tietê era a última estação, na zona norte. Desceram na Estação Liberdade. Gleice morava bem perto dessa estação. Chegando a casa, Gleice disse que no dia seguinte, logo pela manhã, ligaria para algumas agências de serviços domésticos. Informou que seria mais fácil, para alguém com pouca instrução, conseguir trabalho como diarista ou, talvez, em alguma fábrica.

No dia seguinte, conforme prometido, a anfitriã ligou para algumas agências e conseguiu uma entrevista para a forasteira, que ficou surpresa com o resultado: foi aprovada imediatamente.

Logo começou a investigar sobre o novo trabalho com a entrevistadora, onde ficava aquele endereço, quem eram as pessoas donas do imóvel, como chegar até lá...

A entrevistadora informou o endereço, Avenida Brasil, e acrescentou que ela iria limpar uma casa que estava abandonada há muito tempo, mas haveria uma pessoa lá para lhe receber e dar as informações

necessárias. Ela começaria a trabalhar já no dia seguinte, uma terça-feira.

Renata agradeceu e voltou para o apartamento de Gleice.

No dia seguinte, acordaram cedo e Gleice a levou até a casa onde iria trabalhar, deixou-a bem em frente ao lugar e partiu, pois tinha uma consulta médica às dez horas, às onze horas iria para o estágio em uma escola, visto que se preparava para realizar seu sonho de ser administradora em uma grande empresa na imensa cidade.

Renata ficou olhando para a casa até que resolveu apertar a campainha. Veio lhe atender uma senhora extremamente elegante que a fitou de cima a baixo com um olhar apagado.

— Suponho que você seja a faxineira, não?

— Sim, eu sou a faxineira – respondeu Renata.

A bela Senhora se apresentou:

— Sou Marie. Você tem experiência em limpar casas grandes e requintadas como esta?

— Não, senhora, sou do Nordeste, morava na roça, nunca vi uma casa dessas por dentro.

A luxuosa senhora Marie completou:

— Ah, sei... mais uma que vem tentar a vida em São Paulo.

— Isso mesmo, eu quero trabalhar e ganhar a vida, como a senhora disse, com trabalho e honestidade.

Renata continuou conversando com a senhora Marie, mas sentiu ânsia de vômito e muito frio. Aquela mulher não parecia um ser vivo, tinha a aparência e o odor de um defunto maquiado.

— Vou lhe mostrar a casa, depois você toma seu café da manhã.

Renata agradeceu.

A fina senhora mostrou-lhe toda a casa e, ao final, disse:

— Você pode tomar seu café, vou falar com o administrador, no escritório, a agência vai pagar por seu trabalho. Agora vou precisar sair. Faça tudo com bastante capricho e não quebre nada.

Renata não sabia bem o que estava se passando, mas sentia que algo muito macabro estava prestes a acontecer dentro daquela casa. Quando a senhora Marie saiu de sua frente, rumo à porta, Renata pôde observar

que por trás de todo o luxo que aquela rica mulher exibia havia algo sinistro e tenebroso. Viu que a senhora Marie deixou estranhos rastros no tapete da sala, era como se ela pesasse cem quilos. Mas as marcas não eram de um sapato humano, tinham o formato de cascos de cavalo.

De repente, a assustadora senhora olhou para trás e encarou Renata, seus olhos estavam vermelhos e aquela aparência pálida e fria já não existia mais. A garota viu apenas uma nuvem preta se desfazendo.

Renata não sabia se limpava a casa ou se saía correndo. Pensou bem a respeito das dificuldades que ia passar se não conseguisse ganhar alguns trocados. O que tinham lhe oferecido para fazer aquele trabalho era um bom dinheiro. Criou coragem e deu continuidade ao que tinha ido fazer.

A casa era um sobrado muito grande, com seis quartos. Vou começar limpando a parte superior e deixo a parte inferior para a segunda etapa – disse para si mesma.

Renata abriu a porta de um dos seis quartos, logo sentiu um ar tão gelado que começou a tremer, mas

enfrentou o frio, lembrando-se de que tinha contas a pagar.

Dentro desse quarto havia um bonito armário de madeira e uma cama de estilo vitoriano. Porém, Renata não se deu conta de nada, pois viera da roça e não conhecia essas decorações chiques.

Começou a limpar a cama, olhou para baixo e viu um tapete muito empoeirado, devia fazer muitos anos que aquela casa não era limpa. Naquele momento, ela sentiu como se uma respiração estivesse vindo da parede, e pensou: Será que há alguém mais aqui além de mim?

Resolveu, então, verificar tudo que tinha no quarto. Além da cama e do armário, havia vários objetos pendurados nas paredes: uma espada, um uniforme militar e um quadro de um homem muito bonito, que aparentava uns trinta anos, era branco, cabelos loiros e tinha olhos bem azuis. Ao contrário da senhora Marie, seu olhar era de muita tristeza.

Em uma macabra harmonia com a melancolia que se mostrava nos olhos do homem do retrato, o quarto ficava cada vez mais frio. Renata começou a ficar mais

apreensiva, sentia a aproximação daquele homem a cada momento, mesmo sem vê-lo. Limpava tudo sem olhar para a parede.

Renata não conseguia controlar os maxilares, que tremiam com o frio intenso que sentia naquele quarto assustador, ainda mais pela sensação daquela presença constante e sobrenatural, era como se o homem do retrato tivesse se materializado, ela conseguia ouvir sua respiração, os passos e as pisadas fortes no tapete. Não sabia o que fazer. Mas, em algum momento, dominada pela curiosidade e pela necessidade do seu ganha-pão, levantou a cabeça e viu que ali estava o homem, em carne e osso, ele tinha se materializado! Desesperada, saiu correndo e abriu a primeira porta que viu pela frente, era outro quarto do mesmo feitio do anterior e o homem estava lá dentro também.

Deu as costas ao homem no segundo quarto e procurou uma saída, mas esta não existia, via apenas portas fechadas. Encolheu-se no corredor olhando para as portas, pensou se haveria alguma destrancada para que pudesse fugir dali. Começou a suar frio e a ânsia de

vômito ficou mais forte. Além do frio, sentia um cheiro muito forte de mofo e carniça.

Renata estava atônita, aquele odor era bem ruim e mexia com seu estômago. Olhou para mais uma porta e pensou: Vou entrar, tentar abrir uma janela e pular. E tentou.

Mas, no quarto que ela entrou não tinha janela, era um quarto completamente preto, com pouquíssimos móveis, pouca iluminação e sem ventilação. Renata saiu correndo novamente. A impressão que teve é que cada vez que entrava em um quarto a casa crescia. O corredor, pelo qual ela passou com a senhora Marie, estava enorme. "Não importa se preciso de dinheiro, eu preciso sair daqui viva". Começou então a lutar por sua sobrevivência. Sempre que Renata olhava para trás via que o morto-vivo se aproximava cada vez mais.

Renata estava passando por experiências horripilantes naquela casa, tentava fugir sem sucesso. O homem estava sempre atrás dela e não lhe dizia nenhuma palavra. Ela tentou se acalmar e se lembrou da reza de antes de dormir, pois sua família era cristã. Começou a fazer a prece, mas não conseguiu dar

continuidade pois o homem estava materializado e de sua boca saiu uma onda de vento extremamente frio e malcheiroso que fizeram suas roupas e cabelo esvoaçarem.

Renata sussurrava para si mesma: Estou me sentindo mal, mas não vou deixar que esses mortos-vivos me tirem a vida, não foi para morrer que vim para São Paulo.

Tentou a porta seguinte como última alternativa, antes de abrir olhou para o homem fantasma que a perseguia sem dizer nenhuma palavra.

Ao abrir a porta, a primeira coisa que viu foi o dito cujo dentro do quarto, neste momento Renata começou a chorar.

Olhou para o homem novamente e gritou:

— Deixe-me em paz.

Mas não adiantou, desta vez ele lhe disse algumas palavras:

— Minha irmã não vai deixar você sair desta casa, ela vai fazer com você o mesmo que fez comigo. Não se debata, ela não vai deixar você ver a saída.

Renata virou as costas para o homem ao ouvir a voz da senhora Marie:

— Bem-vinda ao meu mundo, ingênua menina.

A moça argumentou com a assombração feminina:

— Por que está fazendo isso comigo?

— Isso não importa. Gosto de subjugar pessoas, tê-las sob meu poder – respondeu a velha senhora.

— A senhora está morta, aceite que não faz mais parte desse plano.

— Não irei embora deste lugar, eu gosto muito do que vivi nesta casa.

— Liberte-se, senhora, o tempo passa para todos. Nosso tempo na Terra é limitado, a senhora precisa entender isso.

A horripilante senhora Marie deu uma risada tenebrosa:

— Você ficará comigo, assim como todos aqui, que você não consegue ver.

Renata, de costas para a demoníaca senhora Marie, sentiu mais frio e o hálito gelado e fétido do homem. Ao mesmo tempo, várias vozes começam a

ecoar dentro daquele quarto. Levando as mãos à cabeça, Renata disse para Deus:

— Eu te faço meu último pedido, sei que nada mereço, meu Senhor, mas me tira daqui viva, prometo que vou me esforçar muito aqui em São Paulo, me tira daqui.

Renata começou a rogar a Deus, nesse mesmo momento ouviu uma voz chamando seu nome e lhe sacudindo, seria a chance que tinha pedido ao Criador Supremo?

Era Gleice, tentando acordá-la.

Teve um pesadelo assustador, tão real que ela não conseguia acreditar que fora apenas um sonho ruim.

Capítulo 2

O Convite

Eu me peguei imaginando como seria bom viajar com minhas duas amigas de longa data: Renata e Gleice. Tive a ideia de convidá-las para apreciar a vida, pois já estávamos todas aposentadas. Liguei para elas, buscando um possível encontro em um bar no bairro Bexiga. Prontamente aceitaram o convite.

Fiquei tão empolgada com a rapidez das respostas que marquei logo com elas às vinte horas e trinta minutos da sexta-feira seguinte, um dia de muito movimento nos bares da cidade de São Paulo.

Igualmente entusiasmadas, elas foram pontuais e já chegaram perguntando:

— Quais as aventuras que compartilharemos dessa vez?

— Calma! Vocês me conhecem bem! Gosto de aventuras e de correr riscos, sejam eles quais forem. E sei que minhas lindas e maravilhosas amigas também gostam. Tive uma grande ideia! Vamos fazer uma

doideira, sair de cidade em cidade do Brasil e viver tudo o que não foi possível viver até agora.

Recebi uma resposta uníssona de minhas amigas:

— Vamos!

Olhei para um garçom, chamei-o e pedi uma bebida, não importava se era um suco ou bebida com álcool, eu queria comemorar com as minhas amigas de longa data a nossa liberdade. Bebemos noite adentro. Eu não tenho filhos, Renata tem apenas um, que mora nos Estados Unidos e não liga para ela, Gleice também não tem filhos. Freneticamente ou quase de porre, levantamos nossas taças e brindamos:

— Vida longa e muita diversão!

Era o que queríamos...

Saímos do bar às três horas da manhã, chapadas, é claro! As minhas amigas têm carros, eu não. Pedi para que elas esperassem eu chamar um Uber. Assim fizeram, me despedi delas e fui embora.

Ao chegar a casa já tive problemas na entrada do prédio, havia dois bêbados na portaria importunando a controladora de trajeto. Fiquei observando e não me envolvi. Deixei o evento terminar para, depois, entrar.

No meu apartamento, ao lado dos meus animais de estimação, era outro clima, mais calmo e com boa energia. Liguei a TV e comecei a assistir a algumas reportagens sobre fenômenos sobrenaturais. Eu gosto muito desse tema. Nunca desejei ser atacada ou me envolver com coisas do mundo espiritual, apenas gosto de saber o que ocorre com as pessoas “possuídas”. Continuei assistindo até cochilar, nem me lembro se desliguei a TV.

Nesse momento eu tive a impressão de que alguém entrou no meu quarto. Tentei me virar, me mexer, mas estava muito difícil executar tais ações. Era como se alguém me apertasse contra a cama.

Olhei para a porta do quarto e vi uma criatura, parecia ser um pequeno animal, mas de aspecto assustador, peludo e preto, andando no meu quarto. Não consegui ver seus olhos, mas parecia ser uma criança fazendo brincadeiras. Mas, se era uma criança, por que a sensação sinistra? – eu me perguntava. Aquela sensação não passava, mas continuava com mais intensidade.

Aquele pequeno ser ia crescendo cada vez mais, então o medo tomou conta de mim. Entrei em pânico! Eu

pude sentir uma parte do lençol sendo levantada por ele, vagorosamente, como se estivesse testando até onde eu suportaria o pavor que estava sentindo. O estranho ser pegou minhas pernas e apertou bem forte, pressionando os calcanhares, tão forte que eu não pude levantar meu corpo nem um centímetro da cama.

Lembrei-me das crendices que aprendi com a família, mas já estava envolvida com algo desconhecido. E não sabia como sair daquilo. Era uma força maior, que tinha de tirar do meu caminho. Entendo que lutar com algo assim não é tão fácil. Pensei que seria levada por ele. Mas, para onde? Talvez para o inferno, ou algum portal diabólico.

De repente o telefone tocou e eu me assustei. Olhei para o relógio e vi que havia dormido por doze horas seguidas.

— Alô?

Gleice se identificou do outro lado da linha:

— Oi, sou eu, a Gleice! Tudo bem?

— Tudo! E você?

— Estou ótima. Estou ligando para falarmos sobre a nossa aventura.

Ela começou falando da cidade de Paranapiacaba, no estado de São Paulo mesmo...

— Você conhece? Eu sei que você não conhece, é um lugar mágico. Mas, minha única preocupação é com você. Sei que você é uma pessoa especial, está sempre vendo coisas do além, essa cidade tem algumas histórias de eventos paranormais. Podemos aventurar um passeio?

— Claro! – respondi.

— Então vamos marcar para a próxima semana, ok?

Confirmei:

— Está marcado.

Na semana seguinte, as três amigas, mochilas nas costas, partiram para Paranapiacaba para viver as aventuras.

Renata, já dentro do trem, perguntou para Gleice:

— Você conhece bem essa cidade?

— Sim, conheço muito bem! Meu avô trabalhou lá – respondeu, animada.

Renata complementou:

— Eu apenas ouvi falar dela.

— A única coisa que sei é que essa cidade é mal-assombrada – acrescentei.

Gleice sorriu maliciosamente e disse:

— Nós não podemos sair depois das dezoito horas.

— Por quê? – perguntei, curiosa.

— É melhor você não saber.

Renata e eu nos entreolhamos, sentadas confortavelmente no banco do trem.

O trem nos deixou na cidade vizinha, Rio Grande da Serra, muito pacata e bem parecida com algumas cidades do interior da Europa. Pegamos outra condução, um ônibus, que nos levou direto para Paranapiacaba.

Quando observamos a vista panorâmica da cidade, Renata e eu ficamos deslumbradas.

Entusiasmadas, dissemos: — Vamos em frente!

Começamos a descer a rua, olhei para uma casa e vi uma cruz de cabeça para baixo!

Paramos para olhar melhor e Gleice disse, sorrindo:

— Não tenham medo. A cruz não faz mal para ninguém.

Continuamos descendo a rua.

— Agora vamos atravessar a passarela. Se vocês olharem à esquerda, verão um relógio muito parecido com o Big Ben de Londres.

Observamos, admiradas.

Gleice instigou:

— Agora, no mesmo lado, vejam a estação ferroviária. Nessa estação, não só na estação, mas nas linhas férreas, houve uma explosão, morreram alguns trabalhadores e eles são vistos sempre andando pelos trilhos a qualquer hora do dia ou da noite. Às vezes, são confundidos com moradores. A única diferença é que eles são gelados.

— Deixa de ser mentirosa! – falei, em voz baixa.

— Ah, sim – aceitou, rindo demais.

Gleice continuou mostrando a cidade que ela conhecia tão bem. Logo em seguida, vimos uma das mais belas casas da cidade. Na verdade, não era apenas uma casa, era o clube da pequena cidade. Diga-se de passagem, muito chique, construído em estilo inglês.

— Onde encontramos as cachoeiras? – perguntei.

— Aqui têm várias, tem uma ao lado da fonte e as outras são mais longe, com fama de mal-assombradas.

Porém, às cachoeiras não podemos ir sozinhas. Precisamos de um guia.

Eu tomei a decisão de não irmos muito longe, pois era tarde, tinha medo de passar das dezoito horas. Depois de receber muitas informações sobre Paranapiacaba, eu disse:

— Então vamos ver o Castelinho, lá também tem assombração?

Gleice deu risada:

— Lá é o epicentro de tudo.

Eu baixei a cabeça, tentando desistir, mas Renata não deixou e disse:

— Vamos, sim, visitar o museu.

— Museu? – perguntei, surpresa.

— Museu e Castelinho são a mesma coisa – informou Gleice.

Seguimos, nós três, para visitarmos o museu ou Castelinho. Renata tagarelando, eu com receio e Gleice se divertindo com os eventos que poderiam acontecer nessa visita ao tal museu em forma de castelo inglês.

No decorrer da caminhada, observei que quanto mais avançava para chegar ao Castelinho, mais o

caminho ficava sinistro. As ruas revestidas de pedras já não existiam, mas apenas veredas com lama, pois tinha chovido muito no dia anterior. Mesmo assim, demos continuidade ao que fomos fazer: viver grandes aventuras.

Chegamos. Estávamos, finalmente, defronte ao enorme portão de ferro, com características medievais. Nos entreolhamos e Gleice disse que parecia que íamos entrar em um castelo de vampiros.

Rimos muito, mas eu meio que mudei de cor, de tanto medo. Renata se fez de forte. Chamamos alguém para nos atender, mas ninguém apareceu. Tentamos abrir o portão, mas ele estava emperrado. Até Gleice, que cresceu naquela cidade, ficou visivelmente apreensiva, mas não deixou transparecer. Tentamos várias vezes. Eis que, de repente, apareceu um homem muito magro, com feições não muito saudáveis, para nos atender. Todas ficamos com medo de entrar, mas fomos.

Tudo ali naquele museu era muito sinistro, a começar pela arquitetura. Entramos por um corredor meio escuro e eu perguntei se éramos as únicas visitantes.

— Sim. Vocês são as últimas visitantes, podem acreditar!

Seria uma ameaça ou apenas uma constatação feita pelo assustador curador do museu? Isso me chamou atenção, mas eu silencieei e continuei observando.

Estávamos sentindo muito frio, reclamamos da baixa temperatura, mas Gleice explicou que ali era a parte mais alta da cidade, é sempre frio.

Eu não concordei com minha amiga, mas permaneci calada. Passei a observar as paredes, até que vi o retrato de um casal. Quando olhei bem para o homem do retrato tomei um susto, era o mesmo que tinha aberto o portão para nós.

Aquele homem, que era o curador do museu, falava sobre o início da construção do Castelinho, que foi transformado em uma miscelânea de objetos pertencentes aos pioneiros daquela cidade depois da morte do engenheiro responsável. Senti minha testa gelar e comecei a ficar nauseada, mas aguentei firme.

Renata perguntou quem era o responsável pela arquitetura daquele espaço.

Prontamente nosso curador e guia respondeu:

— Eu sou o responsável. E, imediatamente, foi se transformando em algo parecido com uma nuvem, primeiro ficou transparente, depois começou a sumir.

Entramos em pânico! Quando olhamos para o corredor de saída verificamos que a porta estava fechada e todo o ambiente ficou escuro. O desespero tomou conta de nós. À procura por uma saída, conseguimos abrir uma janela e pulamos para fora. Saímos correndo na escuridão, pois já eram dezenove horas. Quando chegamos ao pátio, de longe vi o engenheiro segurando o portão. Apenas eu conseguia ver o homem.

Renata e Gleice tentaram abrir, mas não conseguiram, o portão estava emperrado. Começaram a gritar, mesmo assim, conseguimos pular e sair correndo. Escorregamos e caímos no decorrer da fuga, ficamos todas machucadas e sangrando um pouco em algumas partes do corpo. Quando chegamos perto da velha estação, no caminho para voltarmos para casa, eis que um homem apareceu e perguntou:

— Estão perdidas?

Nenhuma de nós respondeu, não tínhamos energia para um diálogo e estávamos assustadas demais. O frio se intensificou, bem como o sentimento compartilhado de angústia e medo.

— O último ônibus que sai de Paranapiacaba para Rio Grande da Serra partirá às vinte horas – informou, gentilmente, o homem.

Faltavam apenas dez minutos. Cansadas e arranhadas, corremos desesperadas, subindo a rua de terra por onde descemos para a cidade. A subida não foi muito agradável, principalmente naquela situação. Quando terminamos de subir vimos o ônibus dando partida. Gritamos muito e o motorista esperou. Ao entrarmos nos deparamos com o mesmo homem que nos informou sobre o horário da partida do ônibus.

Fingimos que não o vimos. Mas o frio que vinha daquele homem era assustador. Nós não conseguimos falar de tanto medo.

Capítulo 3

Depressão

Depressão não é uma doença nova, sempre existiu. Porém, as pessoas dos séculos passados não conheciam os seus sintomas e lhe davam outros nomes como, cansaço, fadiga, tristeza...

“Preciso estudar, mas alguma coisa não me deixa pensar.” “Não sei porque perdi a vontade de sair de

casa.” Essas e muitas outras alegações são típicas de quem está sofrendo desse mal.

Eu já fui uma jovem muito bonita, filha de imigrantes portugueses, única, por sinal. O meu maior desejo era me casar com Manoel, filho de um fazendeiro, também português, cujo nome era Joaquim. Uma família extremamente abençoada.

Meu pai se chamava Antônio e era muito amigo do pai de Manoel. A distância entre nós não era muito grande, as fazendas eram vizinhas. Porém, meu pai tinha outros planos para mim.

No fim de semana, mais precisamente no sábado, o senhor Antônio estava muito feliz. Eu fiquei observando meu pai, ele era carrancudo e não era carinhoso comigo. Ele me tratava muito bem, fazia todos os meus gostos, porém, era muito frio.

Na semana seguinte meu pai apareceu com a feição de felicidade. Eu ficava cada vez mais intrigada com aquela sua face que eu não conhecia. Disse para mim mesma: Vou observar melhor o meu pai, nunca o vi assim.

Depois de uma semana das feições deslumbrantes do senhor Antônio, em uma segunda-feira de fevereiro de 1632, dia com uma temperatura agradável de mais de 22°C, eu ouvi o trotar de cavalos e corri até a porta para ver quem era.

Deparei com um moço branco, cabelos loiros e olhos azuis, muito bonito e bem-vestido, aparência de uma pessoa abastada. O que esse jovem veio fazer aqui? – pensei. Trabalhar na fazenda, com certeza não era. Tínhamos muitos escravos.

Ele desceu do cavalo e me cumprimentou falando o meu nome. E apresentou-se:

— Sou Gabriel.

— Muito prazer – respondi.

Perguntou pelo meu pai e eu o levei à biblioteca. Lá estava meu pai, concentrado em seus afazeres. Apresentei o recém-chegado. Meu pai foi muito solícito com ele, parecia que já o conhecia há muito tempo. Em seguida meu pai olhou para mim e eu entendi tudo, saí da biblioteca muito angustiada, alguma coisa estava acontecendo e não era boa.

Em 1632, os pais arranjavam os matrimônios para suas filhas e as informavam sobre a situação somente após tudo acertado. Era o que estava acontecendo comigo naquele momento.

No dia seguinte, na hora do café da manhã, ao chegar à sala de jantar vi meu pai conversando alegremente com o Gabriel, cumprimentei-os e me sentei à mesa. Minha mãe olhou para mim e, aquela expressão de impotência, já me disse tudo. Eu fiquei aflita porque minha mãe não estava feliz.

Depois do café, meu pai pegou na minha mão e disse:

— Quero lhe apresentar Gabriel, seu noivo.

— Meu noivo?

— Sim, você vai se casar com este moço. Ele é filho de uma das famílias mais honradas de Portugal.

Nesse momento eu entrei em choque, não conseguia falar. Manoel entrou em meus pensamentos, meu coração começou a bater forte e um suor frio surgiu no meu rosto. Saí da sala e me tranquei no quarto por três dias. Minha ama de leite ficou apreensiva por não me ver no jardim tomando sol. Ela foi até meu quarto

para saber o que estava acontecendo. Seu nome era Maria. Na época da escravidão, todo africano e africana escravizados que chegavam ao Brasil recebiam o nome de Maria ou Francisco.

— Sinhá, o que sucedeu?

— O meu perverso pai quer que eu me case com o Gabriel, aquele desconhecido que está aqui em casa – respondi chorando.

Maria se ajoelhou e rezou:

— Valei-me Deus, sinhá! Sinhá, você ama o senhor Manoel, não é?

— Sim, eu amo Manoel e não vou me casar com Gabriel, nem que eu tenha que morrer.

— Ave Maria, não fala assim, sinhazinha.

Maria me amava, ela foi minha mãe de leite e eu também a amava muito. Não pude me comunicar com Manoel, meu pai sabia que eu me encontrava às escondidas com ele. Eu não dava um passo sem que Gabriel estivesse me observando.

Meu casamento foi marcado para o dia 15 de fevereiro de 1632. Dois dias antes eu fui surpreendida com umas batidas na janela do meu quarto, ao abrir lá

estava Manoel, que pulou para dentro do quarto e tudo aconteceu de fato. No dia seguinte meu pai olhou muito estranho para mim na hora do café. Como de costume, toda vez que ele estava nervoso me lançava aquele olhar e, dessa vez, foi mais penetrante.

Surgiu um turbilhão de pensamentos em minha cabeça... Teria, meu pai, ficado sabendo do meu encontro com Manoel?

Fiquei apreensiva. Tomei o café apressadamente e fui para a varanda. Maria limpava o pátio, olhou para mim e não disse nada. Eu tinha certeza de que alguma coisa estava acontecendo, alguém disse para ela não se aproximar de mim.

À noite eu estava em meu quarto esperando que Manoel batesse na minha janela, pois tínhamos combinado que ele viria me ver, mas adormeci. Acordei com alguém batendo na janela desesperadamente. Era Maria, chorando.

— Está chorando por quê?

— Alguém matou o senhor Manoel e saiu correndo para não ser visto.

Fiquei em prantos, eu não tinha com quem confidenciar que meu grande amor estava morto.

Procurei uma forma de me matar, mas nada dava certo. Naquele momento de angústia, jurei por amor a Manoel que nenhum homem tocaria a mão em mim. Tranquei bem a porta do quarto para não deixar ninguém entrar. De manhã, não fui tomar café. Minha mãe bateu na porta, quando eu abri, ela olhou para mim e tomou um susto.

— O que aconteceu?

Eu lhe respondi com uma pergunta:

— Você sabe o que aconteceu? Então diga-me tudo que a senhora sabe, mamãe.

Ela baixou a cabeça e chorou muito.

— A história se repete – disse ela.

Comecei a chorar e perguntei se teria acontecido o mesmo com ela. Minha mãe respondeu positivamente com a cabeça, já que suas palavras estavam embargadas pelo choro.

Na hora marcada para meu casamento eu não saí do quarto. Aquela era, também, a hora do enterro de Manoel. Perdi a vontade de comer, de viver e de ser eu

mesma. Meu pai ficou muito bravo comigo e resolveu me castigar. A raiva dele era tão grande que me deu uma surra, disse que se eu não mudasse de ideia ia morrer de fome. Eu não dei atenção a ele. Pouco me importava se estava viva ou morta.

Na missa de sétimo dia da morte de Manoel eu estava com um desejo profundo de morrer e comecei a delirar. Vi Manoel entrando pela janela, não sei se era dia ou noite. Ao seu redor tinha muita luz. Ele beijou e acariciou minhas mãos, depois falou baixinho ao meu ouvido.

— Não posso ficar.

Manoel me deu um fio de esperança, disse que viria me buscar. Então abri os olhos, mas estava só.

Meu pai estava se comportando cada vez pior e minha mãe tinha que aguentar as brutalidades daquele monstro. Algo tinha dado errado nos negócios, contou minha mãe, e a culpa era minha. Os negócios do meu pai estavam falindo, mas se eu me casasse com Gabriel toda dificuldade acabaria.

Maria, minha mãe de leite, voltou a me visitar, ela sempre dizia:

— Sinhazinha, se alimente, você parece uma pessoa morta.

Respondi que eu estava morta fazia tempo. Só precisava que Deus me levasse.

— Não fale assim, sinhazinha, eu gosto muito da sinhá.

— Eu também gosto muito de você, Maria.

Naquela noite eu estava muito fraca. De repente vi a janela se abrindo lentamente, dessa vez não teve batida. Era Manoel! Às vezes, eu ficava pensando se ele viria mesmo. Agora ele estava ali, lindo como sempre. Não sei se eu estava sonhando ou se estava acordada, mas era uma sensação maravilhosa!

Ele me disse:

— Tenho algo para lhe contar.

Porém, eu estava muito fraca, não conseguia ouvir...

Na manhã seguinte, Maria veio ao meu quarto.

— Sinhá, lembra! Eu tenho uma notícia pra sinhá.

— O quê? – disse eu.

— O homem rico foi embora.

Minha mãe entrou em meu quarto com os olhos inchados de tanto chorar.

— O que aconteceu? – perguntei.

— Gabriel foi embora e seu pai se enforcou.

Eu não acreditei no que ouvi. Mas era verdade, meu pai tinha se enforcado. Os bens que ele tinha Gabriel os levou. Então descobrimos que meu pai havia feito um grande empréstimo junto à família de Gabriel. Esse empréstimo só foi possível porque Gabriel era apaixonado por mim. Eu não sabia, nunca tinha visto ele. No entanto, ele me viu quando eu tinha 12 anos. Eu seria uma forma de pagamento, casando-me com Gabriel.

Agora eu já não tinha mais o pai monstro, que me destruía a cada dia.

Certo dia, o qual eu não me lembro, acordei me sentindo muito fraco. Minha mãe entrou no quarto implorando para eu comer. Ela não queria me perder. Eu apenas dei um suspiro e virei a cabeça para o lado.

Como num passe de mágica, eu estava na margem do rio Paranaguá, suas águas passavam dentro das terras de meu pai e, também, nas terras do senhor Joaquim. Quando éramos crianças, Manoel e eu,

brincávamos de pescadores, nunca peguei um peixe, mas nosso amor nasceu na infância. Andávamos muito a cavalo, era muito divertido.

Senti alguém tocar suavemente nos meus cabelos e, segurando-me fortemente, disse:

— Quero abraçá-la.

Não tive medo, era o meu Manoel. Olhamo-nos profundamente, olhos nos olhos. Ele começou a falar, com sua voz doce e suave:

— Amo você, vim te buscar.

Finalmente eu estarei todos os dias da minha vida junto ao meu grande amor – pensei. Senti meu corpo flutuando, como se eu estivesse voando feito uma águia à procura do seu hábitat. Eu tinha certeza de que o sofrimento tinha acabado. Eu estava partindo para bem longe, não sabia para onde ia. Só sabia que estava indo.

Capítulo 4

Hospital

Às quatro horas da manhã de um sábado chuvoso e frio, na entrada do hospital Santa Casa de Misericórdia, uma senhora de mais ou menos 54 anos, chegou desesperada, ela precisava ser atendida com urgência. Levada ao atendimento inicial, a enfermeira começou a fazer os primeiros procedimentos. Constatou que a saturação estava muito baixa. Fez as devidas observações no prontuário e perguntou à mulher:

— Senhora Renata, está sozinha?

— Sim, eu estou sozinha, estava no restaurante, jantando, e me senti muito mal.

— Espere um pouco aqui, por favor – pediu a enfermeira.

Renata concordou, com lágrimas surgindo em seus olhos. Estava muito preocupada.

— A senhora irá para outra acomodação, vai tomar soro até ser atendida pelo médico – comunicou a enfermeira quando voltou.

— Acomodação?! Vou ser internada? O que eu tenho?

— Não sabemos ainda, vamos fazer alguns exames em outra sala.

A enfermeira falou para ela manter a calma, pois daria tudo certo. Renata ficou tão desorientada que tinha esquecido das suas amigas. Mesmo porque, não tinha parentes, apenas seu filho, que mora nos Estados Unidos. Olhou para um dos lados da cama e viu sua bolsa sobre uma mesinha de cabeceira. Ela apanhou seu telefone celular e passou mensagens para as amigas. Ninguém respondeu. O tempo passa muito rápido, àquela hora todas as suas amigas já estavam dormindo.

Após uma ou duas horas tomando soro, chegou uma médica chinesa. Renata não gostou da “energia” dela. Fez algumas perguntas, anotações no prontuário e saiu sem dizer o que Renata tinha. Os médicos nunca dizem! Mas Renata tinha certeza de que estava com a doença mortal do momento: a Covid-19.

A enfermeira olhou para a paciente e disse:

— Senhora Renata, vou ter que levá-la para o quarto.

Renata começou a chorar.

No dia seguinte a paciente estava pior, parecia que tinha um quilo de areia nos olhos, não tinha apetite nenhum. No segundo plantão a médica apareceu e, novamente, fez algumas perguntas e saiu sem dar nenhuma explicação.

À noite, Renata não conseguia dormir, seus olhos estavam insuportáveis. De manhã, quando chegou o café, não quis se alimentar. Logo em seguida chegaram duas enfermeiras e disseram-lhe:

— A senhora vai descer. Ficará em outra ala, no andar inferior.

Na nova sala, Renata ficou por oito dias entubada. Após sair da entubação, não estando totalmente curada, permaneceu por mais dez dias sob forte sedação, que lhe deixava mais tempo dormindo que acordada. Nesse período de entubação e sedação, ela viveu algumas tribulações. Quando estava entubada e sedada, no período em que dormia, seu espírito saía de seu corpo.

Renata simplesmente se via andando por lugares que já conhecia. Talvez tenha tido uma experiência de quase morte, fez muitas viagens, talvez astrais, visitou

amigos e seus gatos, andou por vários lugares, foi à igreja, até assistiu à missa e conversou com o padre:

— Eu estou morrendo, por favor me ajuda, eu preciso sair desse hospital.

Na hora em que ela disse isso ao padre, ele olhou bem nos seus olhos, não disse nada e saiu.

Renata sentiu-se desapontada. Como ela poderia estar ali falando com ele e ao mesmo tempo dizer que estava hospitalizada? – pensou.

O padre não fez nada para ajudá-la, com certeza ele não ia perder tempo com um suposto fantasma.

Renata via as paredes se movendo, uma passando por dentro da outra, uma dourada e outra prateada. Ouvia um homem fazendo um *show* de músicas de cem anos atrás.

Ela se via num caixão todo cheio de rosas vermelhas e aqueles adornos prateados e dourados. Conseguia ver um programa só de pessoas negras contando sua trajetória de vida.

Alguém enfiou um palito em seu nariz, era seu vizinho, mas como ele poderia estar ali se foi embora para a Austrália? Seus cabelos cresciam e, ao mesmo

tempo, tornavam-se curtos. Alguém batia em seu quadril como se fosse uma almofada, ela podia sentir as mãos pesadas lhe surrando.

Depois de alguns dias Renata teve um momento de lucidez, pôde observar o quadro com os nomes dos funcionários fixado na parede. Sentiu muita sede, pediu água, mas a água não veio.

Ela não podia tomar água, seus pulmões tinham que ficar secos para que ela pudesse ter alta.

Os dias se passaram, cada vez que acordava ela questionava o porquê de a deixarem tanto tempo sedada, mas logo adormecia novamente, pois não tinha forças nem para falar.

Renata começou a se lembrar de suas amigas. Será que elas se esqueceram de mim? Esqueceram os nossos anos de amizade? – pensou. Chorou muito.

Na verdade elas estavam acompanhando tudo o que estava acontecendo com Renata, recebiam informações todos os dias, às três da tarde, quando saía o boletim médico e uma assistente social entrava em contato com Gleice para informar sobre o estado de saúde da amiga.

Renata não ficou sabendo o que estava acontecendo, os dias foram passando e, na maior parte deles, a sedação era muito forte.

Todos os dias as enfermeiras do turno da noite, quando entravam, verificavam os pacientes. No caso de Renata entravam, fechavam rapidamente a porta e depois dos procedimentos de cuidados desapareciam. Não se escutava nem a voz delas. E Renata, sempre sedada, dormia, acordava e continuava sendo sedada o tempo todo.

Certo dia, no mês de junho, que foi um mês bastante frio, Renata estava com poucos cobertores e molhada, ninguém havia trocado suas fraldas. Com muito esforço conseguiu acionar a campainha, mas ninguém atendeu. Esperou que alguém lhe trocasse, mas, como não o fizeram, dormiu novamente.

Acordou com uma luz muito forte no seu rosto, olhou para a porta aberta e viu um homem que dizia:

— Como puderam deixar a pressão da paciente chegar a esse estágio?

Renata ouviu tudo. Seria verdade? Deve estar acontecendo alguma coisa errada – pensou.

Ela pôde ver melhor o homem, era alto, mas tão alto que sua cabeça quase batia no teto. Deveria ser um médico, falava com muito nervosismo:

— Se não conseguirmos controlar a pressão e a temperatura vamos perdê-la!

Naquele instante algo muito estranho aconteceu com Renata, ela se viu no canto do quarto, assistindo a tudo. O homem estava acompanhado por uma moça, talvez uma enfermeira, que fazia tudo que ele ordenava. Ela deu a Renata um remédio que parecia uma gosma, não tinha sabor. O homem continuava nervoso e sempre passando informações para a auxiliar sobre os procedimentos a serem adotados em relação à paciente.

Renata, do canto do quarto, questionava:

— Como posso estar me vendo?

Foi usado em Renata um saco feito com um tipo de tecido que ela desconhecia, mas aquele saco era especial, ele continha alguma coisa, como se fosse colágeno em pó, que tomava conta do seu corpo e aumentava a temperatura. Mesmo Renata estando fora do seu corpo, observando tudo o que estava acontecendo, ficava angustiada.

No dia seguinte, às oito horas, Renata abriu os olhos e procurou pelo homem e a mulher que ficaram com ela a noite toda. Não viu ninguém. Também procurou aquele saco diferente, mas também não o viu. Ela acreditou que foram anjos que não a deixaram morrer de frio.

Passaram-se mais alguns dias. Certa manhã, Renata foi acordada por uma linda voz:

— Bom dia, Sra. Renata.

Era uma linda médica, sua pele brilhava como se fosse feita de ouro. Renata sentiu algo muito forte vindo da médica, parecia que ela era um anjo.

— Bom dia, doutora – Renata devolveu o cumprimento e completou: — Doutora, por favor, preciso de um remédio que me cure, essa medicação não está funcionando e essa gente não consegue entender.

Olhando bem dentro dos olhos de Renata, a gentil médica disse para ela ficar calma, que ia mudar sua medicação.

Conforme prometido, naquele mesmo dia a medicação foi mudada. Antes de sair, a médica explicou que mudou sua medicação e, se no dia seguinte ela

amanhecesse melhor iria tirar todos os outros medicamentos e a deixar em observação por dois dias.

Assim ela fez.

No dia seguinte Renata acordou radiante, nem parecia a mesma pessoa. Dois dias depois Renata estava excelente, com uma única exceção, não tinha forças para levantar-se da cama, mas sentia-se muito melhor. No terceiro dia, uma terça-feira, acordou às oito horas e viu muita movimentação na UTI. Chamou Patrícia, a enfermeira, e perguntou o que estava acontecendo.

— Hoje, vão embora dez pessoas, inclusive a senhora, dona Renata.

Renata ficou muito feliz. Às dez horas entrou uma fisioterapeuta e aplicou alguns exercícios. Logo depois a levaram até o banheiro, onde lhe deram um banho de chuveiro que, há muitos dias não tomava. Trocaram suas roupas e a deixaram em ordem para esperar a alta hospitalar, porém ainda tinha que ficar em observação, no quarto, por 24 horas. Renata voltou para o mesmo quarto que ficou por dois dias antes de ser entubada. No quarto setecentos e dezessete, fazia fisioterapia e tomava medicamentos para criar forças para levantar os

braços e pernas. Ela estava totalmente debilitada, sem condição de andar e de falar corretamente. As amigas, Gleice e Jurema, estavam no quarto e cuidaram bem de Renata. Após as vinte e quatro horas, finalmente, deixaram o hospital.

Ela ainda não estava totalmente curada. Teve que fazer um tratamento pós-Covid muito sério. Sempre teve a pressão arterial normal mas, após a doença, esta passou a bater picos de 17/8, seu coração estava endurecendo e o resultado do eletro mostrava que estava todo desconfigurado. Contudo, quatro meses depois ela já conseguia andar e falar muito bem. Seus pulmões e o coração já estavam se curando também.

Capítulo 5

Mooca

Entre os anos de 1870 e 1960, os italianos foram estimulados a vir morar no Brasil, o requisito principal era que fossem agricultores. Muitas famílias vieram, começaram a trabalhar e a formar outras famílias de descendentes.

A Mooca é um dos bairros de São Paulo onde se concentra a maior comunidade de imigrantes italianos. Como em toda cidade, tem sempre aquele bairro que se destaca pela quantidade de artistas: compositores, atores, escritores e, muitos deles, se destacaram. Mas, vou contar a história de uma única família: a família Giovanni Nero.

Essa família desembarcou no Brasil em 1887 e teve como destino o bairro da Mooca. A família foi muito abençoada e ficou muito rica. Trouxe consigo o único filho, Paschoal, que também teve apenas um filho, Enzo, orgulho do vovô Giovanni Nero.

Enzo Nero tornou-se um grande cineasta ítalo-brasileiro. Mas, não teve muita sorte com sua família, um acidente de barco em uma pescaria matou seus avós. Seu pai herdou todo o dinheiro, que não era pouco.

Enzo estava desenvolvendo um grande projeto que incluía gravações no rio Tietê mas, naquela época, não era muito fácil fazer filmagens dentro de um rio.

O rio Tietê passa dentro da cidade de São Paulo, era um rio maravilhoso, de água limpa, onde as pessoas tomavam banho, faziam competições de nado e pescavam.

Ao voltar de um dia de gravação, chegando a casa, Enzo não viu sua mãe. Perguntou por ela ao seu pai e ouviu um desabafo:

— Sua mãe é uma traidora, me traiu com o português da padaria e foi embora com ele.

Enzo ficou muito aborrecido, sentiu-se traído também.

Os dias se seguiram. Agora, sua família se resumia a seu pai. Enzo já estava com 35 anos, solteiro, bonito e muito desejado no meio artístico. Seu projeto já estava quase no fim, mas deu-se uma fatalidade, uma das atrizes faleceu. Além da tristeza pela perda, encontrar uma atriz àquela altura, seria muito difícil.

Para refletir, pensar como faria com a continuação da personagem, já que não conseguia a atriz adequada, Enzo foi até a margem do rio Tietê.

Lá, viu uma linda garota, que aparentava ter uns 18 anos, passeando com uma amiga na outra margem do rio, provavelmente moravam ali perto. Seu coração bateu forte, ficou admirado com tamanha beleza. Olhava tanto para a garota que ela percebeu.

A volta para casa, naquele dia, foi cheia de pensamentos de amor. Mas, ao chegar a casa, Enzo teve um choque: encontrou seu pai morto, enforcado. Agora ele estava completamente só, não tinha mais ninguém na vida...

Aquela linda garota, que ele havia visto na margem do rio, não lhe saía da cabeça. Resolveu procurá-la. A moça, que passou a povoar seus sonhos, tinha por nome Jurema. Era filha de uma família portuguesa e seus pais eram abastados também.

Foi tudo muito mágico, casaram-se e foram morar na mesma casa em que Enzo nasceu e cresceu, com certeza seus filhos também nasceriam e cresceriam naquela casa.

Jurema era muito delicada, sensível até demais. Todas as noites ela reclamava que a casa era fria. Enzo não deu muita atenção. Depois, começou a reclamar que ouvia batidas na parede. Já estava aborrecendo seu marido. Às vezes, Enzo ficava irritado quando Jurema lhe dizia que a casa estava fria. Enzo chamou alguns funcionários para verificarem esses detalhes. Mas, ninguém constatou nada.

Certo dia, Enzo e a esposa foram à casa dos pais de Jurema, que ficava do outro lado do rio, era só atravessá-lo de canoa e já estavam lá. Era uma família muito alegre, seu Joaquim gostava muito de vinho e fazia questão de falar da sua cidade natal: Funchal.

Após a agradável visita, já dentro da canoa para voltarem para casa, Jurema sentiu vontade de vomitar. Enzo desconfiou que ela estivesse grávida e logo a indagou a respeito do que ela estava sentindo.

— Não é nada.

Porém, logo em seguida, olhou para o marido e disse:

— Eu não aguento mais ver essa mulher loira, que me persegue desde o dia em que me casei com você. A primeira vez que a vi foi no dia do nosso casamento, ela estava no altar, ao meu lado. Foi terrível!

Enzo custou a acreditar no que ouvia. Mas, surpreso com tantos detalhes, pensou: Já estamos casados há dois anos e jurema nunca me contou nada a respeito.

Alguns meses depois, o casal fez uma festa para comunicar aos amigos que eles seriam pais em breve. Mas, Enzo não esperava ver em sua casa o senhor Joaquim da padaria! O homem com quem minha mãe fugiu! – pensou. Enzo aproximou-se dele e perguntou sobre a mãe.

— Eu sou louco por sua mãe, mas seu pai me fez mudar da cidade. Fui informado que ele se enforcou, então sua mãe está livre para mim.

Enzo quase teve um infarto!

Mais tarde, já no leito matrimonial, conversando com Jurema sobre a mãe, contou à esposa o quanto ela foi maravilhosa. Mal acabou de falar, sentiu algo mexendo no seu dedão do pé. Enzo gelou, sua mãe adorava fazer aquele tipo de carinho nele. Desesperado, naquele exato momento ele entendeu que a mãe estava em outro plano e, com certeza, o pai a havia matado.

Onde estaria seu corpo? – tentava raciocinar, com o cérebro fervendo e o coração gelado.

Perguntou a Jurema de quais paredes vinha o som das batidas que ela ouvia quase todas as noites. O casal morava em um casarão com oito quartos, sala, adega, cozinha e porão.

Tenho que descobrir se ele a enterrou aqui dentro de casa – martelava sua mente.

No dia seguinte, logo ao amanhecer, Enzo foi sozinho até a margem do rio Tietê. Sentou-se em lugar bem aconchegante, de onde podia observar barcos e

pescadores e começou a lembrar de sua mãe, de quanto ela gostava de passear de barco com ele... às vezes, até pescavam alguns peixes para o almoço. Naquela época Enzo deveria ter uns nove ou dez anos. Ficou ali durante um bom tempo, relembrando como era bom tê-la com ele. Quando se levantou para ir embora ouviu uma voz, olhou para trás e não viu ninguém. A voz era idêntica à de sua mãe! Deu alguns passos, olhou novamente para trás... ninguém.

Ao chegar a casa, Jurema estava apreensiva.

— O que aconteceu? – perguntou Enzo.

— Não sei – respondeu ela, mostrando algumas joias. — Eu nunca vi essas joias! Elas estavam debaixo da cama, como foram parar lá?

— Essas joias eram da minha mãe, nem eu mesmo sabia onde elas tinham ido parar.

Enzo sabia que sua mãe era cheia de mistérios, talvez quisesse lhe mostrar onde estava seu corpo.

À noite, quando o casal foi para o leito, como passaram a fazer antes de dormir, conversaram muito sobre a mãe de Enzo.

No dia seguinte, Enzo contou para Jurema o sonho, ou pesadelo, que tivera:

— Sonhei com minha mãe, ela me mostrou uma parede, não sei que parede é essa, mas tenho certeza de que é aqui dentro de casa.

Os dois ficaram pensando como fariam para descobrir qual das paredes a mãe de Enzo tinha lhe mostrado. Então, em pensamento, ele fez uma viagem ao passado e começou a visualizar o dia em que sua mãe, supostamente, teria ido embora com o senhor Joaquim da padaria.

Aquele dia estava chuvoso e ele havia observado que a escada do porão estava molhada, No porão seu pai guardava muitas coisas antigas, relíquias do seu avô. Provavelmente ele teria guardado algo no porão e, como estava chovendo, molhou a escada. Enzo tentava se convencer de que seu pai não faria tamanha maldade com a própria esposa, sua mãe.

Jurema se queixou que estava sentindo um pouco de dor. Sua barriga estava muito baixa e pesada. As dores se intensificavam. Preocupado, Enzo chamou dona Rita, uma parteira, para ver Jurema. Quando dona Rita

chegou à porta do quarto sua fisionomia mudou completamente. O casal ficou desconcertado com a expressão estampada no rosto da parteira. Alguns segundos depois ela voltou ao normal e reclamou que a casa estava fria.

— Eu devia ter trazido um agasalho. Mas nós estamos em fevereiro, não é época de frio! – constatou, intrigada.

As dores de Jurema ficavam cada vez mais fortes. Pouco depois nascia o filho deles. O bebê foi chamado de Giovanni, em homenagem ao avô de Enzo.

Terminado o parto, dona Rita se preparava para ir embora quando um espírito se manifestou fortemente em seu corpo. A velha senhora caiu de joelhos e começou a chorar, um choro tão desesperador que o casal quase chorou também. Enzo não sabia que dona Rita recebia entidades. Naquela época não existiam esses cultos a espíritos no Brasil, ou melhor, existiam sim! Porém, eram todos muito escondidos.

Esse espírito, ainda chorando muito, olhava fixamente para o casal. Depois, olhando para Enzo, disse:

— Você sabe quem sou eu?

Enzo quase desmaiou, ele estava ouvindo a voz de sua mãe! Não conseguindo conter as lágrimas, balbuciou:

— Eu peço perdão pelo mau juízo que fiz da senhora.

— Eu tenho pouco tempo – disse ela. — Voltei hoje para ver meu neto e porque tenho algo muito importante para lhe dizer: vá ao porão e cave debaixo da escada, bem perto da parede, lá você encontrará algo que seu pai guardou a sete chaves.

O desejo de Enzo era ficar perto da mãe, queria que ela fosse real, pois lhe fazia muita falta.

O espírito da mãe de Enzo deixou o corpo da parteira e essa perguntou, assustada, o que tinha acontecido. Silêncio total...

Enzo, no dia seguinte, estava indeciso se descia ou não ao porão para ver o que o pai tinha guardado tão bem. Criou coragem e fez exatamente o que a mãe pediu. Cavou bem perto da parede e logo viu algo aparecendo, cavou mais um pouco e retirou dali um jarro de prata, grande e bem fechado. Respirou fundo para

criar coragem e abrir o objeto. Quando conseguiu abrir ficou espantado, havia ali muitas pepitas de ouro, provavelmente fruto de economias do pai. A vida de Enzo estava, definitivamente, garantida. Além daquele ouro, ele também herdara imóveis e outros bens de grande valor.

Por um instante, Enzo sentiu a presença de sua mãe. Virou-se rapidamente, olhando para as paredes. Foi então que viu a mãe apontando o dedo indicador para baixo. Sentindo uma emoção muito grande, aproximou-se da mãe para abraçá-la e dizer o quanto a amava. Mas, quando chegou perto dela, com os braços abertos para lhe dar um abraço, ela já não estava mais lá, havia desaparecido como uma nuvem.

Enzo olhou para o lugar que a mãe tinha apontado e, rapidamente, começou a cavar. Cavou o suficiente para ver um pouco de cabelos loiros. Desesperado, cavou um pouco mais e os restos mortais de sua mãe apareceram, desvendando o mistério e dando a Enzo a certeza do que havia ocorrido. Não podendo suportar sozinho a dor emocional provocada por aqueles eventos,

chamou a esposa. Quando Jurema viu os restos mortais da sogra, começou a gritar:

— São os cabelos dela, daquela mulher que vejo sempre!

Enzo retirou daquele lugar os restos mortais de sua amada mãe e lhe deu um enterro digno.

O filho de Enzo cresceu forte e saudável, a família levou uma vida feliz e Enzo nunca esqueceu de sua mãe e de todo o carinho recebido.

Capítulo 6

Necrófilo

O ano de 1979 não foi o mais frio para os paulistanos. Porém, não se poderia dizer o mesmo para Gleice, que nunca tinha morado em São Paulo e acabara de chegar à cidade.

Gleice precisava arranjar um trabalho, só não sabia por onde começar a procurar, pois não tinha nenhuma qualificação e não conhecia a cidade.

Em sua primeira segunda-feira na cidade de seus sonhos, saiu cedo de casa e, mesmo sem conhecer ninguém que pudesse lhe ajudar, foi à procura do que mais almejava: um trabalho para sustentar o sonho de morar na capital paulista. Chegou ao ponto de ônibus às sete horas da manhã. O frio intenso e o vento cortante faziam seu corpo tremer. Quando respirava, via sair de sua boca uma fumaça branca, não estava acostumada com aquilo, parecia que estava queimando por dentro!

Logo, uma moça loira, de olhos azuis, aparentando uns vinte anos de idade, olhou para Gleice e riu muito:

— Vejo que você ficou preocupada com o que sai da sua boca. Isso é normal quando está muito frio, acontece com todos.

Gleice admirou a beleza e a simpatia da moça. Um ônibus encostou no ponto. Raquel, a linda moça, leu em voz alta o nome da linha no luminoso: Parque D. Pedro II.

As duas entraram no ônibus e começaram a conversar. Conversa vai, conversa vem, descobriram que tinham o mesmo objetivo: arranjar o primeiro emprego.

— Que tipo de trabalho você procura? – perguntou Raquel.

— Eu não tenho a menor ideia de qual emprego eu vou procurar!

— Como assim?

— Eu cheguei a São Paulo sexta-feira e estou tentando a vida aqui.

Raquel, gentilmente, lhe ofereceu ajuda:

— Eu comprei um jornal, tem várias vagas de emprego. Eu fiz um curso de técnica em enfermagem, vou tentar uma colocação nessa função. Que tipo de trabalho seria bom para você?

— Eu não sei. Só trabalhei na roça.

Raquel tentou ser compreensiva:

— Não se preocupe, vamos à procura.

Depois de uns trinta minutos de ônibus chegaram ao Parque D. Pedro II. Raquel já sabia que direção tomar. Pegaram outro ônibus e foram para Pinheiros, bairro onde encontrariam o hospital que procurava funcionários, conforme o anúncio no jornal. Um dos hospitais mais importantes de São Paulo.

Na recepção, Raquel, muito educada, disse:

— Observei no anúncio que há uma vaga para a qual não é preciso de experiência.

— Precisa apenas vontade de trabalhar, eles ensinam todo o serviço – respondeu a moça.

Gleice ficou tão feliz e disse, sem hesitar:

— Então é essa! Que serviço é?

— É para fazer limpeza.

— Está ótimo – respondeu Gleice, eufórica, pedindo para preencher a ficha para aquela vaga.

Raquel preencheu a ficha para a vaga de técnica de enfermagem. Logo depois, fizeram as entrevistas e foram aprovadas.

Gleice não acreditava que estava tendo tanta sorte e agradeceu a Deus por tanta bondade que recebeu de Raquel.

No ônibus, de volta para casa, Raquel confidenciou que não queria trabalhar para outros por muito tempo, desejava ter seu próprio negócio:

— Meu maior sonho é fazer um curso de cabeleireira e montar meu salão de beleza.

— Você está certa! – opinou Gleice. — E eu quero ser administradora de empresas.

As duas congratularam-se e disseram, em uníssono:

— Vida longa para nós!

Dois meses depois Raquel pediu demissão do hospital e foi fazer seu curso de cabeleireira. Gleice continuou no emprego e não teve mais contato com a

amiga que tanto lhe ajudou, pois a família de Raquel mudou-se do bairro da Penha, onde moravam.

Passaram-se sete anos. Em um sábado de dezembro de 1986, Gleice estava muito feliz, naquele fim de semana seria sua formatura no curso que sempre sonhou fazer. Precisava encontrar uma cabeleireira. Estava morando na Av. Liberdade e já tinha um certo poder aquisitivo, seus objetivos estavam quase todos concretizados.

Uma vizinha informou que ali mesmo, na Av. Liberdade, tinha uma cabeleireira excelente.

— Se você quiser te levo lá – ofereceu.

Esta cabeleireira era Raquel!

O encontro foi uma surpresa para ambas. Conversaram muito, Raquel foi à formatura da amiga e Gleice se tornou cliente assídua. Sempre que elas se encontravam, aos finais de semana, no salão de Raquel, a conversa era longa.

Em um sábado chuvoso, Gleice telefonou para o salão da amiga pedindo uma manicure domiciliar, pois chovia muito e ela estava um pouco resfriada.

Quando a campainha tocou, Gleice abriu a porta e, para sua surpresa, era a própria amiga, Raquel estava preocupada com seu bem-estar. Quando terminou de fazer as unhas de Gleice, Raquel despediu-se da amiga dando-lhe um abraço bem apertado. Gleice achou muito comovente aquele abraço, mas não ligou!

Raquel era a personificação do amor e da bondade. “Sou grata por tudo que fez por mim quando cheguei a São Paulo. Deus, colocou esse anjo na minha vida. Parece que tudo ocorreu ontem.” – afirmava Gleice, toda vez que mencionavam Raquel em alguma conversa.

Na semana seguinte, logo na segunda-feira, bem cedo, Gleice recebeu um telefonema de Jéssica, funcionária de Raquel:

— Gleice, quem fala é Jéssica, funcionária do Salão de Beleza Raquel Paschoal. Estou telefonando porque aconteceu algo grave com dona Raquel.

Gleice, nervosa, começou a chorar e perguntou o que tinha acontecido.

— Dona Raquel faleceu!

— Como assim? Quando foi isso?

— Sábado, depois que saiu de sua casa. Ela foi atropelada por um motoqueiro. Foi socorrida, mas não conseguiu resistir. O enterro será hoje, às quinze horas, a família sabe da sua ligação com ela, por isso pediu para que eu te avisasse.

Gleice agradeceu e caiu em prantos, culpando-se pela morte da amiga, se ela não tivesse telefonado para o salão, no sábado, Raquel estaria viva.

Às quinze horas, no velório, estavam todos os amigos e familiares de Raquel. Gleice conversou com os pais da amiga, deu-lhes os pêsames e ficou sentada em uma cadeira próxima ao caixão. Ficou observando todos os parentes, ela só conhecia os pais e o irmão. Na hora do último adeus, Gleice foi a última pessoa a se aproximar do caixão.

Cética, Gleice não acreditava em assombração ou premonição. Mas, lembrou-se do abraço apertado recebido da amiga na última vez em que se viram.

Continuava observando os presentes quando visualizou um rapaz de aproximadamente trinta anos de idade que não tirava os olhos do corpo de Raquel. Seu

nome era João, ela ouviu quando o irmão de Raquel o cumprimentou.

João era um homem bonito e elegante, porém tinha um olhar sinistro. Ela não sabia ler pensamentos, muito menos mensurar os pensamentos de outras pessoas, mas se sentiu desconfortável com aquela figura devido às sensações que tinha ao observá-lo. Gleice tocou delicadamente no rosto da amiga e a beijou pela última vez.

Saiu dali sedenta por justiça, queria aquele motoqueiro na cadeia, ele teria que pagar pelo que fez a Raquel.

No dia seguinte, Gleice viu no jornal uma notícia horripilante sobre Raquel: seu túmulo teria sido aberto e seu corpo violado! Ela teve um ataque de raiva, entrou em desespero. Depois, procurou se conter, mas a dor que sentia por saber que a amiga, depois de morta, passou por aquilo era muito forte.

A família deu parte à polícia, mas esta não deu muita importância ao assunto. Os policiais disseram que iriam investigar. No entanto, dois meses se passaram e nenhuma informação pertinente ao caso surgiu.

Gleice se sentiu na obrigação de ajudar de alguma forma. Assim, começou a fazer, ela mesma, uma investigação. Sem que ninguém soubesse, começou a visitar o cemitério todos os dias, durante dois meses, para ver se achava alguma pista, mas não teve sucesso.

Resolveu mudar de estratégia. Conseguindo adentrar o cemitério depois do horário normal, esteve lá por duas noites seguidas, também sem êxito, não ouviu nem barulho dentro daquele lugar. Mais uma noite, a terceira, fez tudo como nas noites anteriores e nada. Cansada, resolveu parar por alguns dias.

Após três semanas, em um domingo à tarde, voltou ao cemitério. Naquele dia estava ocorrendo o enterro de uma moça, Carolina, informaram os parentes. Como já era final de tarde, comecinho da noite, Gleice disfarçou e andou um pouco pelas ruas do cemitério, não sem antes memorizar em qual túmulo Carolina foi sepultada.

Mais tarde, já na escuridão da noite, voltou para perto da sepultura de Carolina e ficou à espreita de um possível ataque ao cadáver.

Depois de pouco tempo ouviu som de passos, alguém estava se aproximando do túmulo. Ela gelou! Ficou admirada quando percebeu que a figura do homem que se aproximava lhe parecia familiar, mas não sabia de onde o conhecia. Observou-o bem, fez um *tour* por sua mente e não gostou do que visualizou.

Era João, o homem que vira no velório, cumprimentando o irmão de Raquel! Começou a tremer da cabeça aos pés, não sabia se saía correndo ou esperava para ver o desfecho de tudo aquilo. O homem olhou em volta, certificou-se de que não tinha ninguém ali e deu um pontapé no pequeno portão do túmulo. O portão caiu, ele entrou, puxou o caixão de Carolina e começou a abri-lo. Vendo tudo aquilo, Gleice sentiu vontade de vomitar, mas manteve-se firme. João abriu o caixão, tirou o corpo de Carolina e começou a despi-lo com muita rapidez, dava para ver a ansiedade nos seus gestos.

Gleice pegou seu celular para gravar tudo, mas o aparelho caiu no chão. Devido ao silêncio do lugar àquela hora da noite, João ouviu o barulho. Olhou para todos os lados, preocupado, mas como não viu nada, voltou à sua

prática cadavérica. Gleice esperou um pouco, ligou o celular e começou a gravar os atos e fatos.

João, já despido, foi acariciando o corpo de Carolina em toda sua plenitude. Em seguida começou a morder os mamilos do cadáver.

Gleice tremia, não conseguia admitir o que estava vendo, sentiu vontade de gritar, mas sua voz não saía. Sentiu uma queda de temperatura muito grande, tudo ficou muito denso. Talvez fosse uma ligeira queda de pressão – pensou.

Logo tudo ficou pior, as folhas das árvores começaram a cair, como quando bate um vento forte, parecia que alguém estava balançando as árvores de propósito. Sentiu algo muito frio tocar suas costas. Olhou por cima do ombro e viu Raquel! Num piscar de olhos Raquel já estava bem na sua frente.

Raquel estava com o rosto banhado de lágrimas e pedia:

— Pelo amor de Deus, eu quero justiça!

Gleice começou a chorar compulsivamente e o desespero a fez gritar, a plenos pulmões:

— Vou chamar a polícia!

João, ainda sobre o corpo despido de Carolina, levantou-se abruptamente e foi em direção a Gleice, que correu e, com dificuldade, pulou o muro, conseguindo alcançar a rua. Porém, ao pular torceu o pé e, mesmo gritando de dor, afastou-se dali o quanto conseguiu. Olhou em direção ao muro e viu João, fugindo com as roupas nas mãos. Ficou um pouco mais tranquila, se ele estava fugindo, com certeza não iria lhe fazer nenhum mal.

A rua estava vazia, ela se lembrou de que estava com o celular e ligou para a polícia. Quando os policiais chegaram, chamaram uma ambulância que a levou para o hospital, mas pediram que ela comparecesse à delegacia, no dia seguinte, para prestar depoimento.

Na delegacia, os policiais lhe perguntaram o que ela estava fazendo no cemitério àquela hora:

— Tentando descobrir quem violou o corpo da minha amiga – respondeu.

Todos ficaram surpresos com tamanha ousadia e amor por uma amiga. Porém, o delegado de plantão não gostou daquilo. Aquela atitude poderia lhe prejudicar em

seu trabalho, já que não dera a devida atenção ao caso de Raquel. Após o depoimento, Gleice foi liberada.

Na tarde do dia seguinte, ela recebeu um telefonema do delegado. Ele queria interrogá-la mais uma vez. Ela ficou surpresa, pois já tinha relatado tudo.

Chegando à delegacia, logo na entrada, foi algemada por ordem do delegado.

— Tudo que falar poderá ser usado contra a senhora. Pode chamar um advogado, tem direito de usar o telefone apenas uma vez – informou, rispidamente, o delegado. E acrescentou que ela estava sendo presa por tentar atrapalhar as investigações do caso Raquel.

Assustada, Gleice defendeu-se dizendo que não fez por mal, fora apenas um impulso, nunca imaginou que causaria embaraços à lei.

O delegado, demonstrando falsa compreensão, seguiu com a farsa, no intuito de intimidá-la:

— Senhora, da próxima vez que fizer este tipo de interferência, ficará presa. Por enquanto a senhora está liberada para ir para casa. Mas enfrentará um processo.

Capítulo 7

Senhora Centenária

No verão de 2017, uma sexta-feira ensolarada, com temperatura de 32°C, Jurema foi ao mercado fazer algumas compras. Sempre fazia suas compras ali. Porém, naquele dia teve uma sensação estranha, o ambiente parecia estar diferente, tinha algo errado naquele lugar.

Continuou fazendo suas compras. Sem nenhum motivo especial, por impulso, Jurema olhou para o lado esquerdo do grande salão, onde se encontrava a padaria, e avistou uma pessoa muito esquisita, de costas. Não deu muita importância, mas quando olhou novamente a pessoa já estava ao seu lado, também escolhendo legumes, e começou a falar de seu tempo de juventude. O que era mais que natural para qualquer pessoa idosa, não fossem as referências de datas que não eram coerentes.

Começou falando que nasceu em 1901 e que o lugar em que se encontravam, onde construíram aquele mercado, no passado era só mato. Disse ainda que antigamente tomava banho no rio Tietê...

Meu Deus, será que estou falando com um fantasma? – pensou Jurema.

Engolindo seco, olhou bem para a velha e incoerente senhora e perguntou:

— De onde a senhora é? Em qual cidade do Brasil a senhora nasceu?

— Não queira saber, minha filha, tenho muitas histórias para contar – respondeu a mulher, com uma risada misteriosa.

Quanto mais Jurema tentava descobrir a origem daquela senhora, mais ela se esquivava. Seria, aquela velha senhora, uma bruxa? – refletiu. No tempo da Inquisição, muitas bruxas foram queimadas...

— Eu me refugiei neste lugar no tempo da Inquisição.

Meu Deus! Estou, realmente, falando com uma bruxa – pensou. E veio à mente de Jurema todo tipo de feitiçaria.

— A senhora pode me dizer seu nome?

— Para quê?

— Desculpe, senhora Centenária, a senhora veio para cá no tempo da Inquisição, a senhora é uma bruxa?

— Senhora Centenária? Quem lhe disse que este é o meu nome? Não, não é!

Ela não disse o seu nome, então lhe dei o nome de senhora Centenária.

— Então diga qual o seu nome.

A velha senhora exalava um cheiro forte, não de velhice, mas de algo podre. Na cabeça de Jurema se formavam algumas ideias a respeito dela. Jurema pensou em uma estratégia para tentar descobrir algo. Começou perguntando como era, em 1901, aquele lugar em que estavam. A velha respondeu prontamente:

— Era um colosso!

— Quantos anos a senhora tinha quando chegou aqui?

— Isso não importa.

— Diga-me, o que a senhora fazia antes de chegar aqui em 1901? Já se passou mais de um século até hoje, a senhora percebe a incoerência?

Nesse momento, Jurema entrou na fila para passar as compras no caixa e ficou de costas para a velha senhora. Quando se virou para continuar a conversa, ela tinha sumido!

Jurema perguntou para a operadora de caixa se ela tinha visto uma senhora esquisita, com quem ela estava conversando. A moça olhou para Jurema com cara de espanto e disse:

— Não há ninguém aqui além da senhora. A senhora está com algum problema? Posso lhe ajudar?

A operadora do caixa pensou com seus botões: acho que essa mulher está ficando doida ou já é doida.

Jurema ficou tão envergonhada que não sabia o que fazer. Pagou as compras e foi embora. Ao chegar a casa, pensativa, não queria admitir que viu um fantasma dentro do mercado.

Ligou para a amiga Renata que, reconhecendo o número de Jurema, atendeu o telefone já dizendo que estava com muita saudade e perguntou se ela estava bem.

— Eu estou muito bem, Renata. Mas estou aflita com uma coisa e quero sua ajuda. Como você é professora de História, você conhece bem a História de São Paulo?

— Sim, conheço.

Jurema contou o ocorrido. Renata imediatamente respondeu:

— Essa história é muito antiga e dizem que é verdadeira.

Jurema quase desmaia.

— Então eu conversei com um fantasma? Ai meu Deus!

— Jurema, não se preocupe, fique calma. No tempo da Inquisição, Portugal forçou as pessoas que lá moravam e não eram católicas a se converterem ao catolicismo. Aos que se recusavam restava a fuga, ou seriam queimados na fogueira. Muitos judeus vieram para o Brasil com o nome trocado para fugir da morte. Na verdade, aqui era uma densa selva. Aportavam aqui e, para os portugueses, problema resolvido. Se você quiser saber mais a respeito da Inquisição e como alguns judeus vieram para o Brasil, você pode falar com algum rabino, aí sim, você vai receber excelentes informações. Quanto à misteriosa senhora do mercado, acho que você falou com a única bruxa que conseguiu fugir da fogueira. Não me lembro o nome dela. Mas já ouvi muitas histórias dessa senhora, que você chama de senhora Centenária. Todas as vezes que falamos de bruxas, estamos sempre pensando no pior, mas não é bem assim. Fica tranquila, pois ela aparecerá para você outra vez ou outras vezes, talvez ela tenha algo para lhe informar.

— Deus me livre! – retrucou Jurema.

— Não é Deus me livre, é fato – reforçou Renata.

Jurema, então, resolveu fazer uma pesquisa minuciosa sobre bruxas e bruxarias. O material que ela encontrou a deixou muito envergonhada.

Há alguns séculos, existiam mulheres cervejeiras, mulheres que cuidavam dos filhos e da alimentação; separavam grãos e faziam o líquido para beberam.

A vestimenta dessas mulheres que produziam cerveja, além das roupas normais, continha um chapéu pontudo e avental e usavam um tacho grande para a preparação do líquido. Quando a cerveja estava pronta, elas colocavam uma vassoura na porta para informar aos clientes que naquela cervejaria já tinha a bebida à disposição.

Mas, como todos nós sabemos, desde que o mundo é mundo, tudo que acontece de errado na face da Terra tem apenas uma responsável: a mulher...

Então, a Inquisição continuou sacrificando inocentes, simplesmente porque elas tinham o conhecimento das plantas e a habilidade para manipulá-las. Mas, diga-se de passagem, os maridos e os pais dessas mulheres contribuíram muito para que elas

fossem parar na fogueira, não só na fogueira, pois a Inquisição tinha outros meios para sacrificar supostas bruxas.

Os homens comerciantes começaram a observar que as mulheres estavam se sobressaindo nas cervejarias e tiveram a ideia de travar o seu desenvolvimento, isso acontece até hoje. Será que posso chamar de inveja?

O fato é que os homens não queriam que as mulheres estivessem à frente de uma cervejaria, com certeza eles não tinham tantas habilidades quanto elas e começaram a boicotar sua produção. Eles passaram a denunciá-las por bruxaria. E deu certo! Silenciaram as mulheres mais uma vez. É imensurável a quantidade de mulheres que foram mortas.

Jurema ficou pensando que talvez a senhora Centenária tivesse alguma coisa para lhe dizer ou ensinar. Talvez ela tivesse algum segredo que não foi revelado e Jurema teria sido a escolhida. Sentiu muito medo, medo e curiosidade. Ficou ansiosa para voltar àquele mercado.

Assim, voltou ao ponto de partida, podia ser que ali fosse um portal. Foi lá que tudo começou. Em frente

ao mercado, muito ansiosa, adentrou o estabelecimento. Lá, olhou para as operadoras de caixa e viu a mesma do outro dia, a que imaginou que ela fosse doida. Hoje será diferente – pensou.

Pegou um carrinho e começou a andar. Olhou as prateleiras de cereais, a padaria e foi para o lado dos legumes, pois foi naquele ponto que Jurema travou a conversa com a senhora Centenária. Não a encontrando, dirigiu-se à parte das bebidas. Virou-se para a prateleira atrás de si e lá estava a velha senhora.

Jurema ficou imaginando como falar com uma pessoa que não sabia se estava morta ou viva, afinal estaria, provavelmente, falando com o espírito dela.

Seu coração começou a bater mais forte, não sabia o que fazer, mas tinha que enfrentar o desafio. A mulher estava olhando para Jurema com um olhar penetrante.

— Eu estou aqui porque sei que você veio para me ver – disse.

Jurema tremeu da cabeça aos pés, logo sentiu muito frio, mas o dia estava quente, temperatura de

30°C. Ela não abriu a boca. A senhora centenária, então começou a passar informações sobre seu passado:

— Não tenho muito tempo, estou aqui apenas para lhe dizer que as bruxas existem de verdade, mas não fazemos mal para ninguém. Também preciso informar que você tem o meu DNA, você é a última descendente da nossa linhagem. Vou passar nosso legado para você, quer você queira ou não. Aliás, você já tem nosso legado, precisamos apenas formalizar. Você está falando comigo, mas não posso dizer meu nome. Saí deste plano há mais de cem anos.

Nesse momento a visão de Jurema escureceu e ela desmaiou.

Ela acordou em uma cidade do passado, com casas muito diferentes das que conhecia. Eram casas muito feias, pareciam cavernas levantadas em terra plana. Quanto mais olhava para aquelas casas, mais pensamentos sinistros viam à sua mente. Olhou para o céu a fim de observar o que vinha de cima, pois sentia algo pairando sobre seu corpo. Visualizou uma nuvem negra descendo sobre sua cabeça, desviou-se e saiu

correndo, não olhou para trás nem para cima, simplesmente correu.

Quando parou, uma pequena casa, feita de pedras, chamou sua atenção. Era um pouco diferente das outras. Jurema olhou bem para aquela casa, teve a sensação de que já havia morado ali.

Ela não conseguia sair dali, pois ficou como que presa, admirando aquela casa. Lembrou-se da conversa com Renata e, não contendo a curiosidade, dirigiu-se a casa. Batendo na porta, esperava ser atendida por alguém. A porta se abriu, mas ninguém apareceu. Jurema insistiu, chamou, pois tinha certeza da sua conexão com aquela casa, mas nada de especial ocorreu.

Novamente na rua, Jurema ficou observando aquele sinistro lugar, mas dessa vez viu algo bem perturbador. Em uma pedra, bem no meio da rua cheia de pedregulhos, viu uma pessoa sentada, de costas para ela. Jurema ficou nauseada com o forte cheiro de enxofre que aquela criatura exalava. Aproximou-se cuidadosamente, quando chegou bem perto a pessoa se virou abruptamente, rindo bem alto. Jurema ficou sem voz, não queria acreditar no que estava vendo: era a

senhora Centenária, toda caracterizada de bruxa, com vassoura e chapéu.

— Eu sabia que você viria, de um jeito ou de outro.

A senhora Centenária olhou para Jurema de cima a baixo e convidou-a para entrar na assombrosa casa. Jurema quase disse não, mas entrou e ficou pasma com o que viu.

Dentro da casa malcheirosa, encontravam-se algumas pessoas estranhas, não conhecia nenhum tipo de bruxa do passado, com exceção da senhora Centenária, mas o que Jurema estava vendo dentro daquela velha casa horrorosa só podiam ser esqueletos de bruxas, já mortas há séculos.

Começou olhando minuciosamente todos os esqueletos, a senhora Centenária a acompanhava e podia sentir certa admiração e entusiasmo na moça.

Jurema começou a sentir-se mal, olhou pelo canto do olho e viu um esqueleto se mexendo. Sem conseguir acreditar, olhou novamente e percebeu que todos os esqueletos estavam vivos.

Assustada, tentou caminhar em direção à porta, mas a senhora Centenária falou bem perto de seu ouvido:

— Você nunca mais vai sair daqui!

— Como nunca mais sairei daqui? Não tenho culpa de ter essa tal de mediunidade e carregar o DNA de bruxa.

Com os olhos fechados, Jurema tentava pensar em como sairia dali.

No hospital, onde Jurema estava internada, médicos e enfermeiros preocupados com o seu estado de saúde, pois ela não reagia ao tratamento. Na recepção, Gleice e Renata, suas duas amigas, estavam desesperadas com a situação. Uma enfermeira perguntou sobre os responsáveis pela paciente Jurema.

A enfermeira, calmamente, disse às amigas que a senhora Jurema não estava mais entre os vivos. As duas amigas se entreolharam com muita tristeza, se abraçaram e choraram muito.

No necrotério, um profissional se dirigiu ao corpo para fazer a autópsia. Retirando o lençol, observou que aquele corpo tinha vida, não deveria, em hipótese

alguma, estar ali. Jurema levantou-se da mesa, olhou para o legista e disse:

— Você sabe quem sou eu?

O legista, tremendo de medo, respondeu negativamente.

Jurema empurrou o homem para o lado e seguiu em direção à porta. O legista, com os olhos arregalados, viu quando ela, chegando a porta começou a se transformar em uma nuvem preta. O legista fechou os olhos de tanto medo e, quando os abriu novamente, já não tinha nenhuma nuvem preta nem tampouco algum cadáver na mesa daquele necrotério.

O profissional ficou desesperado, tinha vários anos de experiência, mas nunca havia se deparado com tal situação. Como explicaria o sumiço do cadáver?

Sua preocupação maior foi interrompida ao ouvir uma voz feminina, vinda da nuvem preta que, novamente, encontrava-se na porta:

— Não tente se debater, você será meu! – à fala, seguiu-se uma alta risada, sinistra, aterrorizante.

Todo o espaço ficou totalmente preto. Em pânico, o homem começou a ter falta de ar, ficou roxo, balbuciou algumas palavras incompreensíveis e, por fim, desmaiou.

Capítulo 8

O Segredo de Jurema

Em um hospital da cidade de São Paulo, Jurema, com apenas vinte anos de idade, iniciava seu primeiro dia de trabalho. Estava na recepção esperando a chefe para lhe acompanhar até o setor de trabalho para o qual ela fora designada.

Às vinte e uma horas e dez minutos, apareceu na recepção a enfermeira padrão chamada Telma, que se apresentou e convidou a moça para que a acompanhasse até ao escritório, onde lhe passaria algumas informações.

As duas mulheres seguiram conversando sobre o bem-estar de Jurema e se ela tinha sido bem recebida.

— Estou lisonjeada com o tratamento que recebi aqui – respondeu, agradecida.

Telma agradeceu com feição alegre e um aceno de cabeça e passou as informações de praxe sobre o ambiente de trabalho, o que deveria e o que não poderia ser feito durante o expediente. Depois de todas as instruções, pediu para que a nova enfermeira confirmasse o entendimento do que lhe foi passado.

— Tudo entendido, sem problemas – confirmou.

Telma chamou Marina, a encarregada direta do setor, que informou em detalhes os procedimentos que deveriam ser tomados por Jurema.

Ela seria responsável por um paciente específico, um pouco diferente dos outros, com uma aparência desagradável e portador de uma doença rara, para a qual estavam com dificuldade de chegar a um diagnóstico.

Depois de todas as informações, Jurema dirigiu-se ao apartamento onde se encontrava o paciente. Ao entrar, deparou-se com um homem extremamente

bonito, muito ao contrário do que haviam falado sobre sua aparência.

O paciente, Cipriano, estava dormindo. Jurema verificou a pressão arterial, certificou-se de que o remédio intravenoso estava fluindo corretamente, trocou o cobertor que lhe protegia do frio e, também, a água que ele bebia. Saindo dali, foi verificar, no computador, mais informações sobre aquele paciente.

Os dados disponíveis nos arquivos diziam que ele tinha sintomas que o deixavam semelhante a um zumbi; em alguns dias demonstrava estar curado, em outros parecia um cadáver. Tudo naquele homem era instável e preocupante.

Início do plantão às vinte e duas horas, Jurema olhando para o seu insólito paciente. Naquele plantão o senhor Cipriano apresentou-se de uma forma que a deixou muito preocupada.

Ele estava acordado. Ela pôde, assim, visualizar os seus lindos olhos castanhos. No entanto, ele tinha um suor corporal muito estranho, difícil de explicar, parecia uma mistura de cores que logo se transformavam em

uma só, bem brilhante, era realmente inexplicável. Mas, apesar daquilo, sua beleza impressionou a enfermeira.

Ela executou todos os procedimentos durante o plantão e, quando ia sair do quarto, sentiu um cheiro muito estranho. Olhou para o chão para ver se tinha caído algum medicamento. Estava tudo certo. Aproximando-se do leito do paciente para fazer a última verificação, assustou-se. O paciente olhou fixamente para ela, tentou sorrir e lançou um olhar mais intenso para a enfermeira novata. Naquele momento, ainda muito assustada, ela viu com quem realmente estava lidando.

Os olhos do homem mudavam de cor, eram pretos, muito pretos, não se via a íris e, logo em seguida, tornaram-se azuis, um azul tão profundo quanto um pedaço do céu, sem nuvens.

Jurema nunca admitiu, mas era sensível desde criança, por isso ela conseguiu ver tais fatos.

Ao chegar a casa, muito preocupada, pensava sobre o tipo de entidade que aquele homem carregava consigo. Pensou muito, pensou também em outras coisas e, assim, a noite passou.

De manhã, tomando seu café, voltou a pensar no paciente Cipriano. Lembrou-se dele com muita ternura, era um sentimento bem íntimo, a impressão que tinha era que já o conhecia há muito tempo.

Procurou, então, afastar aquilo de sua mente: Esqueça esses pensamentos, que só vão lhe trazer problemas – ponderou.

Novo plantão. O paciente estava acordado quando Jurema entrou no quarto. Ele a olhou profundamente e disse, com voz suave:

— Sentiu minha falta, linda enfermeira? Eu leio pensamentos, sabia?

Jurema estremeceu, no mesmo instante teve uma queda de pressão e começou a enxergar tudo escuro. Ela estava longe do leito do paciente, mas sentiu a mão dele acariciar a sua e quase gritou. Procurou se conter, não podia sair do quarto gritando como se fosse uma idiota. Ainda tentou olhar para ele, mas a sua cabeça continuava baixa, não conseguia levantar nem as pálpebras.

Ele se sentia dono dos pensamentos de Jurema, sabia que ela sentia desejo por ele e iria usar esse

sentimento, que chegou na hora certa, para cumprir sua missão. Ele não se casou, não teve filhos, mas precisava deixar sua semente ainda em vida para ser usada posteriormente à sua morte, em cumprimento de um pacto macabro. Cipriano, antes de se tornar um morto-vivo, tinha feito um pacto com Satanás, ofereceu a alma do seu primeiro filho ao demônio, mas tudo deu errado, sua amada noiva morreu em um acidente de carro.

Mas, o que Jurema não sabia, é que ela era muito parecida com a finada noiva.

A enfermeira saiu do quarto sem fazer os últimos procedimentos, foi embora muito preocupada com o que tinha acontecido ali, que só ela e o paciente sabiam.

A cada dia que passava a enfermeira ficava mais dependente da visita àquele paciente. Quando estava longe sentia saudade, ele já fazia parte de seu cotidiano, como se fosse uma pessoa de sua família. Pensou em voltar ao hospital e pedir demissão. Mas, algo lhe dizia que ele iria à sua procura onde ela estivesse. Já não conseguia dormir, sentia a presença do paciente se achegando ao seu lado, devagar, mas não era uma

sensação agradável, ao contrário, causava-lhe ondas de frio de bater o queixo.

De manhã, levantou-se e foi fazer exercícios no parque próximo ao seu apartamento. De longe, avistou um homem fazendo abdominais, tremeu, era o seu paciente Cipriano. Piscou os olhos e olhou novamente, a pessoa já não estava lá, viu apenas um cachorro fazendo xixi. Ela começou a chorar, pensou que estava enlouquecendo.

Jurema chegou ao hospital pronta para confrontar Cipriano, ia questioná-lo, porque já sabia que ele estava invadindo os seus pensamentos. Quando ela chegou perto do leito, Cipriano abriu os olhos e sorriu.

A enfermeira perdeu o fôlego. Cipriano passou a dar gargalhadas, ria tão alto que provocou raiva na moça. Porém, ninguém ouviu as gargalhadas do paciente, só ela conseguia ouvi-lo.

Ele se sentou na cama e disse:

— Jurema, você me faz muito bem.

Sentindo-se ofendida com a intimidade com que ele se expressava. Criou coragem e retrucou:

— Porque o senhor fala dessa forma comigo?

— Eu sei que você me deseja, e isso é tudo de que preciso. Você ficará com a minha semente e eu vou morrer.

Jurema não sabia mais o que fazer, nem mesmo mentir podia, pois aquele paciente não era um ser normal.

— Temos pouquíssimo tempo, mas tudo vai dar certo – disse Cipriano.

A única coisa que Jurema sabia era sobre seus próprios desejos libidinosos em relação ao paciente, que aumentavam a cada dia.

— Eu fiquei muito rico, fiz um pacto com Satanás para que isso acontecesse, mas o destino me deu uma rasteira. Agora você está aqui para me ajudar a honrar meu compromisso com o Diabo.

Cipriano chamou Jurema para perto de si. Ela, desesperada, sacudia a cabeça negativamente e tentava, sem sucesso, se afastar. Algo mais forte que ela a mantinha ali.

— Você está com medo, mas me deseja, eu sei!

Jurema, sabia que ele conhecia seu desejo de tê-lo dentro de seu corpo. Com um esforço sobre-humano,

saiu rapidamente do quarto e foi embora, sem que ninguém percebesse seu nervosismo.

Infelizmente, em todos os locais de trabalho há sempre um colega que aprecia fazer intrigas. Naquele hospital não era diferente, tinha uma enfermeira assim e, a maldita descobriu tudo o que se passou naquele quarto. Não contou a ninguém de imediato, guardou para si tudo o que ouviu ali.

No plantão subsequente, Jurema entrou no quarto certa de que ele estaria nos seus últimos momentos. Quando olhou para o leito de Cipriano, lá estava ele, sentando-se na cama, mais lindo do que antes, sorrindo para ela.

— Ele vai me levar hoje. Você precisa fazer alguma coisa, você foi a escolhida. Sei que você me ama – disse isso e foi se deitando calmamente na cama e ajeitando os travesseiros. Ele mirava a enfermeira com um olhar nunca visto antes, solícito, como a chamá-la para o leito.

Jurema deixou cair uma lágrima, mas baixou a cabeça para que ele não percebesse a sua emoção.

Quando ela levantou a cabeça novamente, viu que o membro de Cipriano estava ereto. Jurema teve o ímpeto de fazer amor com ele, satisfazer as mais loucas fantasias que tinha imaginado com o paciente Cipriano. Algo mais forte do que seu próprio ser a fez subir naquela cama e abusar de um homem nos seus últimos minutos de vida.

Enquanto ela gemia de prazer, o paciente dava seu último suspiro, passando da vida para a morte. O alarme de parada do aparelho ligado a Cipriano interrompeu os gemidos da enfermeira. Jurema saiu do seu êxtase, olhou para porta e viu a maldita fofoqueira saindo do quarto, já fechando a porta.

O médico foi chamado pela própria bisbilhoteira, Jurema estava pasma, paralisada, tentando compreender o que tinha feito.

O médico informou que o paciente Cipriano havia passado para outro plano. Jurema saiu do quarto e nunca mais voltou àquele hospital. Não tinha porque continuar trabalhando ali.

Sete anos se passaram. Jurema, como fazia todos os dias, foi buscar seu único filho, Cipriano, na escola. Os

coleguinhas lhe deram um apelido carinhoso: Chipre. Jurema não tinha sossego desde que seu filho começou a frequentar a escola, seus cuidados aumentaram consideravelmente. Naquele dia, ela notou que Chipre estava um pouco triste. Chegando a casa, o menino começou a chorar compulsivamente. Olhando fixamente para a mãe, fez uma pergunta fulminante:

— Mamãe, eu sou filho de um defunto?

A mãe quase teve um ataque do coração. Respondeu que não, que o pai havia morrido, como qualquer pessoa. Morreram de tuberculose.

Passaram-se alguns dias e Jurema notou que Cipriano estava cabisbaixo, sem falar nada. Muito preocupada, preparando o almoço, via que o filho estava todo o tempo de cabeça baixa. Jurema foi até ele, levantou carinhosamente o seu queixo e olhou bem em seus olhos.

Jurema teve um enorme susto. Eram os olhos do pai. Ele olhou bem para Jurema, igual fazia o pai!

Tomada pelo medo, tentou se afastar, mas sentiu aquela mão forte agarrando seu braço. Tentou puxar o braço com força, para se livrar, mas não adiantou.

Cipriano segurou firme, olhou para Jurema e mostrou o mesmo olhar de muitos anos atrás, que ela bem conhecia.

— Onde está aquele seu namorado?

— Não sei. Eu o mandei embora.

— Você é minha.

— Deixe meu filho em paz – ela pediu.

— Nosso filho! Minha semente. Antes que ele complete oito anos você vai perdê-lo, ele já tem dono.

Jurema ficou desesperada, não sabia o que fazer! Não podia perder seu filho para o Satanás. Dirigiu-se a uma igreja, cujo padre era exorcista, para tentar livrar seu filho daquela maldição. Na hora da oração forte, Jurema ajoelhou-se e pediu proteção para Deus. O padre começou a fazer um exorcismo coletivo e muitas pessoas caíram ao chão. Chipre começou a se estrebuchar, a revirar os olhos e a falar palavras incompreensíveis... não teve padre que o segurasse!

A coisa foi ficando feia. A voz de Cipriano pai na boca do filho dizendo:

— Vocês não sabem do que sou capaz!

O padre suava frio e nada do espírito sair do corpo do garoto. Outro padre foi ajudar. Logo em seguida à chegada do segundo padre o menino voltou ao normal. Todos ficaram muito assustados.

Na segunda-feira, como de costume, Jurema saiu para trabalhar. Às duas horas da tarde o telefone tocou, era do hospital. Do outro lado da linha, uma voz de mulher:

— Boa tarde, senhora Jurema. Aqui é da Santa Casa de Misericórdia. Por favor, Cipriano José é seu filho?

— Sim, sim, é meu filho. Por favor, diga-me, o que aconteceu?

— A senhora pode vir agora até aqui?

Jurema ficou fora de si, não podia perder seu único filho. Quando chegou ao hospital, comunicaram que seu filho estava morto. Ela não podia acreditar naquilo, não admitia perder seu filho daquela forma. Ela havia feito de tudo pelo filho, dedicou muito amor àquela criança.

Mas, a maldição falou mais alto. A dívida de Cipriano foi paga...

Ao final de todo esse conturbado romance entre Jurema e o paciente Cipriano, fica um aprendizado: É fato que o fogo da paixão, em determinadas idades, nos faz irresponsáveis e inconsequentes. Porém, a vida é cheia de grandes emoções, umas boas e outras não muito boas. Sempre nos encontramos em ocasiões ou lugares diferenciados.

Maria Oliveira

Breve história da autora:



Maria das Chagas de Oliveira

Técnica Contábil.

Autora dos livros:

Poemas amor, amor (Editora Love Jack)

Amigas e o Sobrenatural (UICLAP)

Participou das antologias:

Sentimentos Poéticos (Editora Super livros)

Universo da Poesia (Editora 5D)

**Salvante III - Dedilhando Pensamentos
(Sarasvati Editora)**

Universos e Valores (Editora 5D)

Palavra em Ação II (Editora Alecrim)